

Considerações sobre a obra ficcional de João Paulo Borges Coelho

SUSANA RAMOS VENTURA

Universidade Federal de São Paulo
Núcleo de Estudos Ibéricos



Neste ensaio a proposta é tecer considerações sobre a obra ficcional do escritor moçambicano João Paulo Borges Coelho. O autor começa a publicar em formato livro no ano de 2003, com o romance *As duas sombras do rio* (Lisboa: Editorial Caminho, 2003). A partir de então publicou mais seis obras até o presente momento: o romance *As visitas do dr. Valdez*, em 2004; dois volumes de contos, *Setentrião* e *Meridião* em 2005 – volumes que formam um projeto denominado pelo autor de Índicos Indícios, os romances *Crônica da rua 513.2*, em 2006 e *Campo de trânsito*, em 2007 e, finalmente, a novela burlesca *Hinyambaan*, também em 2007.

Passo a um brevíssimo panorama do país mostrado por parte das obras que acabamos de citar. O “território” de todas elas é Moçambique, o tempo enfocado tem ênfase na contemporaneidade, mas no que vamos chamar de uma “contemporaneidade alargada”, uma vez que analepses costumam retomar todo o período de ocupação mais efetiva dos portugueses, a partir da última década do século XIX (notadamente em *As visitas do dr. Valdez*) e períodos anteriores (como em alguns dos contos e também em *As duas sombras do rio*, que refere claramente o período de 1729 a 1820 e episódios de lutas ocorridas em 1866, 1888; além da descrição da linhagem de uma família de exploradores portugueses que remonta a 1750).

Quanto ao cenário escolhido para as efabulações, o autor trabalha tanto o contexto rural de Moçambique – notadamente em *As duas sombras do rio* e em vários dos contos – quanto o contexto urbano – em *Crônica da rua 513.2*, e alguns outros contos. Em *As visitas do dr. Valdez*, a narrativa transita pelos dois contextos.

Voltando ao conjunto da obra do autor, nela o elenco de personagens contempla vários extratos sociais e apreende a complexa diversidade étnica que compõe a população de Moçambique nos diversos períodos focalizados. Colonos e ex-colonos de Portugal (de acordo à época figurada em cada uma das narrativa), indianos, negros, mulatos, além de vizinhos de outros países em trânsito ou residindo em Moçambique, como a Rodésia (no conto “O hotel das duas

portas”, de *Setentrião*), a Zambézia (*As duas sombras do rio* e *Crônica da rua 513.2*), a Zâmbia e o Zimbábwe (em *As duas sombras do rio*).

Os temas visitados nos romances – e aqui faço um recorte, privilegiando o conjunto destas três obras – vão da duríssima Guerra Civil Moçambicana (1975-1992), vista num de seus enclaves mais sangrentos, no norte do país (*As duas sombras do rio*) à delicada e tensa relação entre duas patroas e um empregado no período imediatamente anterior à Independência (anos 1970, em *As visitas do dr. Valdez*). Da história de conquista do território moçambicano e exploração desumana da população local (*As visitas do dr. Valdez*) às minudências das dezenas de vidas dos moradores de uma rua de Maputo logo após a Independência (1975/1976), sendo a rua um microcosmo onde se vive o dia-a-dia e a mudança trazida pelas tentativas de construção de uma nova nação (*As duas sombras do rio*).

Volto ao conjunto representado pelos dois volumes de contos. Nele o autor programaticamente situa suas narrativas em diferentes pontos da costa moçambicana, de maneira a mapear esta parcela do país, chama a atenção para um projeto de escrita que parece-nos apontar para um amálgama entre “conhecer e dar a conhecer” o país em suas particularidades geográficas e humanas, ao mesmo tempo em que desenvolve histórias de rica densidade narrativa, plenas de conflitos que ultrapassam as fronteiras representadas tanto pela nacionalidade, quanto pelo regionalismo.

Veja-se a nota prévia a *Setentrião*, o primeiro dos volumes, em que João Paulo Borges Coelho fala sobre o projeto deste conjunto de livros:

O mar Índico molha, um a um, os cerca de dois mil e quinhentos quilômetros da costa de Moçambique – uma extensão apreciável. Maior ainda se considerarmos as ilhas que há espalhadas ao longo dessa costa, inúmeras. E muito, muito maior se tivermos em conta as histórias que esse simples facto tem alimentado no imaginário do presente e ao longo do tanto tempo que passou.

Uma água mansa que também sabe enfurecer-se. Azul, se lhe bate o sol, mas tantas vezes parda, tingida por tudo o que essa costa deixa que se escape pelas suas líquidas veias – terras e ramagens, memórias e afogados, enredos e procuras – que ali se abrem para a fertilizar.

São estes os *Índicos Índicios*, e arrumei-os em dois volumes, seguindo um critério que é apenas geográfico. Este primeiro, *Setentrião*, deambula pela costa e pelas ilhas do longínquo norte moçambicano. Seguir-se-á um *Meridião*, com estórias da baía que já foi chamada Delagoa.¹

João Paulo Borges Coelho tece sua ficção em estreita relação com fontes históricas e antropológicas que, via de regra, cita especificamente. Sobre o envolvimento de um historiador com a literatura, o autor revela, numa entrevista concedida em outubro de 2004 a Jorge Heitor, do jornal português *Público*: “Envolvi-me muito na área da História Contemporânea, mas sempre tive claro que a actividade científica é apenas uma das maneiras de dar conta da realidade. A literatura é um processo importante de interpretar aquilo que nos cerca.”²

Para um leitor brasileiro treinado, o projeto desenhado e batizado como *Índicos Índicios* não pode deixar de ecoar o ideário romântico do Brasil de Alencar, por exemplo, em seu desejo de dotar o país de uma face ficcional, passível de espelhar o real carácter brasileiro. Os longos contos ou “estórias” de João Paulo Borges Coelho são cuidadosamente embasados em estudos antropológicos e históricos, indicados antes de cada um dos volumes, o que, a nosso ver, aponta para o enlace almejado pelo escritor em plasmar possíveis trajetórias pessoais vividas no Moçambique contemporâneo. Em entrevista ao jornal português *Público*, João Paulo fala de sua intenção ao compor estes livros: “Um projecto que procura dar conta da alma de cada lugar, ao longo da costa. Corresponde a um caminhar do Sul até o Rovuma,³ à fronteira com a Tanzânia.”⁴

Os contos do autor repetem a tendência que será encontrada nos dois primeiros romances, a saber, de alternar narrativas de viés mais marcadamente antropológico e histórico a outras em que a dimensão da vida privada é privilegiada. Em *Setentrião*, por exemplo, o conto “O pano encantado”⁵ se passa na Ilha de Moçambique, em alguma data após o ano de 2000.⁶ Nele descortina-se a delicada relação humana e de trabalho entre o alfaiate Jamal e seu patrão e dono da alfaiataria, o senhor Rashid, em que se mesclam conflitos étnicos, trabalhistas, de classe e, também, aspectos humanos como valor de trabalho artístico e inveja da capacidade de criação do empregado. Embora centrado numa relação pessoal, o conto não deixa de refletir aspectos da sociedade moçambicana urbana contemporânea. Do mesmo volume de contos, temos “As cores do nosso sangue”,⁷ narrativa conduzida como um interrogatório policial em que se alternam vozes

narrativas. No prefácio a *Setentrião*, o autor tributa a construção do texto a um estudo antropológico de autoria de Nina Bowen. A partir dessa base ocorre a construção do conto, em que se humanizam aspectos sociais. Desta maneira, tentamos refletir a tendência do autor Borges Coelho em mesclar narrativas em que ora predominam questões de natureza humana, ora indagações que têm as questões sociais como ponto de partida e também de convergência.

No segundo volume de *Índicos Índicios*, *Meridião*, o contraponto entre narrativas centradas em questões humanas e outras em que predominam aspectos sociais e históricos pode ser visto tomando-se os contos “Verdadeiros propósitos”⁸ e “Balada da Xefina”.⁹ O conto “Verdadeiros propósitos” passa-se na ilha da Inhaca e embora componha um painel social bastante preciso, pode ser definido como uma história de amor em que questionamentos sobre o destino e o poder sobrenatural têm papel central. Para o leitor ocidental não é possível desconsiderar ecos de Graham Greene no romance *Fim de caso*,¹⁰ em que as questões ligadas à religiosidade e à possibilidade de negociação com as esferas transcendentais estão muito presentes. No caso de “Balada da Xefina” a narrativa de cunho historicizante oscila entre acontecimentos dos séculos XIX e XX, versando sobre assuntos socialmente prementes como liberdade, resistência e também humanos como lealdade, traição e posicionamento diante de conflitos armados.

Procurei, então, indiciar a tendência do autor moçambicano que mescla trajetórias humanas vivenciadas em seu país a um quadro social bastante preciso em que são destacados aspectos históricos e antropológicos. O resultado dessa imbricação é uma ficção densa e bem construída que, ao mesmo tempo, realiza um painel da sociedade moçambicana – como grande parte da ficção contemporânea daquele país – sem recair em tendências folclorizantes ou ufanistas.

¹ COELHO, João Paulo Borges. *Setentrião*. Lisboa: Editorial Caminho, 2005.

² HEITOR, Jorge. “A actividade científica é apenas uma das maneiras de dar conta da realidade”. Entrevista com João Paulo Borges Coelho. *Público*. Livros – Entrevista. Lisboa, 9 de outubro de 2004, p. 10.

³ Rio do extremo norte moçambicano.

⁴ HEITOR, Jorge. “A actividade científica é apenas uma das maneiras de dar conta da realidade”. Entrevista com João Paulo Borges Coelho. *Público*. Livros – Entrevista. Lisboa, 9 de outubro de 2004, p. 11.

⁵ COELHO, João Paulo Borges. *Índicos Índicios I Setentrião*. Lisboa: Caminho, 2005, p. 11-44.

⁶ A datação é possível graças ao nome dado à alfaiataria: Alfaiataria 2000, indicada pelo narrador como data anterior ao momento presente da efabulação.

⁷ COELHO, João Paulo Borges. *Índicos Índicios I Setentrião*. Lisboa: Caminho, 2005, p. 117-187.

⁸ COELHO, João Paulo Borges. *Índicos Índicios II Meridião*. Lisboa: Caminho, 2005, p. 109-122.

⁹ COELHO, João Paulo Borges. *Índicos Índicios II Meridião*. Lisboa: Caminho, 2005, p. 141-177.

¹⁰ GREENE, Graham. *Fim de caso*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

A partir de agora avanço algumas notas sobre aspectos que chamam particularmente a atenção na obra do autor e sobre os quais venho me debruçando:

- 1º O trabalho muito bem realizado no sentido de evidenciar a delicada e complexa tensão entre conflitos individuais e coletivos. Deste modo, ilumina a dimensão humana sem perder de vista o contexto em que os dramas individuais ocorrem e, na mão inversa, entra em aspectos sociais, históricos e políticos sem perder de vista a humanidade.
- 2º O uso da linguagem, realizado de maneira tradicional, num texto sempre ligado à norma culta sem, no entanto, deixar de apreender e plasmar a particular realidade moçambicana.
- 3º A particularidade do narrador, especialmente em *As duas sombras do rio* e *Crónica da rua 513.2*. Muito culto e versado em conhecimentos específicos, tanto da tradição ocidental (com destaque para música e mitologia), quanto nas particularidades da sociedade tradicional moçambicana (a religiosidade conforme tratada em *As duas sombras do rio*). Este narrador transita de maneira fluida entre estes específicos conhecimentos, demonstrando segurança e profundidade e sem cair em nenhuma espécie de didatismo, de modo a que não parece “explicar” nada aos leitores das diferentes realidades que narra, ao mesmo tempo em que consegue clarificar, iluminar os diferentes aspectos do que narra.

Exemplos do primeiro aspecto – narrador versado em cultura ocidental, aparecem em *As duas sombras do rio*:

- a) Capítulo 21, p. 127 – Descrição do pai de Suzé Mantia como construtor de armadilhas que lembram estruturas de catedrais.
- b) Título do capítulo 34 – *A cappella*. Este capítulo trata do cerimonial de união entre as personagens Jonas e Benedita. O título refere-se ao canto sem acompanhamento (música erudita ocidental). Também no texto, será assim referido na seguinte passagem:

juntam-se as mulheres em meia-lua, aconchegando as capulanas, clareando as gargantas, e começam a cantar em cristalina a cappella. E os homens vão-se aproximando para escutar. (p. 212).

- c) Capítulo 41 – Comparação do administrador Sigaúke à figura mitológica de Sísifo:

O administrador Sigaúke vagueia entre estes novos soldados, assustado, a sua autoridade civil algo diminuída pelas circunstâncias, como um Sísifo perdido que não sabe como voltar a levar a pedra para o cimo da montanha. O Zumbo, que lentamente se levantava, volta a cair de borco na lama dos seus inúmeros problemas.” (p. 249).

No mesmo texto, capítulo 42, temos um exemplo do narrador que fala sobre aspectos da religiosidade tradicional moçambicana e avança explicação sobre a inferioridade de um dos feiticeiros que aparecem na narrativa, o Nganga Gomanhundo, em relação a uma feiticeira chamada Harkiriwa:

Talvez por intermediar as vontades de um espírito pequeno e subalterno, de um espírito que ainda por cima não é do lugar (um espírito mestiço, comprador de comida e construtor de catedrais), seja um nganga sem muito apego à tradição, à verdade como princípio e dogma. Do verdadeiro dono do seu nome herdou o vício de construir a partir do nada, trazendo de fora, que é como quem diz, de pôr a verdade ancestral um pouco de lado para perseguir a evidência e inventar a mudança. (p. 254-255).

Ainda na mesma página o narrador fala que Harkiriwa aponta “erros de leitura” na interpretação de Gomanhundo, trazendo para o universo culto (a que pertence a leitura), o discurso que reflete sobre aspectos da tradição religiosa moçambicana.

- 4º A composição de uma obra que não privilegia exclusivamente o contexto rural ou urbano de Moçambique. Essas duas faixas são trabalhadas, tanto separadamente (como em *As duas sombras do rio* e *Crónica da rua 513.2*), quanto na mesma obra (*As visitas do dr. Valdez*).
- 5º A tematização desassomburada de relações humanas conflituosas, como as de patrão e empregado, vistas em sua mescla de amores-ódios-rancores-nostalgia de maneira muito peculiar e original dentro da literatura contemporânea em Moçambique.
- 6º A migração temática e de personagens dentro da obra, e que se dá nos dois sentidos: dos romances para os contos (o encontro dos pais de Ana Bessa em *As visitas do dr. Valdez* e o encontro das personagens de *Ibo azul*) e dos contos para os romances (a personagem sr. Rashid do conto “O pano encantado”, de *Setentrião*, e a personagem Valgy de *Crónica da rua 513.2*).

Gostaria agora de tecer considerações sobre apenas uma obra, o primeiro romance publicado, *As duas sombras do rio*. Pode-se notar neste romance um vínculo estreito com aspectos socio-políticos da contemporaneidade de Moçambique, sendo que João Paulo Borges Coelho nesta obra retorna a um passado bastante recente para mapear as trajetórias humanas de um grupo que acaba de passar por uma guerra que talvez necessite ser compreendida para que se possa almejar um devir histórico e humano mais promissor.

Parece produtivo investigar como o autor se apropria da matéria histórica para a composição deste romance,

numa escolha por uma ficção de “gestos históricos,”¹¹ – para utilizar uma expressão de Manuel Gusmão – refletindo tendências contemporâneas do romance em alguns dos Países de Língua Portuguesa. Nesta obra específica é notável o papel social representado pelo romance como instrumento auxiliar de escrita da História, numa literatura vista conscientemente como mais que objeto de fruição estética, como também documento social e registro antropológico, lingüístico e de costumes.

O caso moçambicano espelha a situação do escritor na África contemporânea de Língua Portuguesa – notadamente Angola e Moçambique – em que a ficção se expande por outros territórios de conhecimentos, ainda incompletamente explorados por outros ramos do saber científico como sociologia, antropologia, história das religiões/filosofia e, finalmente, História. Neste processo, ampliam-se imbricações, pois o romancista produz ficções que se apropriam de recursos como o realismo mágico conjugado com o discurso histórico – do qual os melhores exemplos são *Ualalapi* de Ungulani Ba Ka Khosa e *O outro pé da sereia* de Mia Couto; de dados antropológicos das etnias que vivem no interior moçambicano, como praticamente toda a obra de Mia Couto, ou se detém no apontamento das condições de vida e mesmo de fala coloquial moçambicana.

A observação acurada do modo de falar moçambicano, marcado pelo crescimento urbano e outros fatores derivados da devastadora experiência de duas décadas quase contínuas de guerra se encontra traduzida de maneira intensa na obra *Milandos de um sonho* de Bahassan Adamodjy, e também em parte dos romances de Paulina Chiziane. No entanto, a obra de João Paulo Borges Coelho se constrói de maneira a integrar todos esses aspectos na construção de uma narrativa de forte marca autoral, que aponta para uma construção lingüística

de tipo mais tradicional (sendo o menos ousado de todos os autores moçambicanos citados) porém muito bem articulada com aspectos particulares que o assunto tratado demanda, em especial, que a sociedade em questão apresenta. Parece ser uma obra longamente maturada, que vem sendo publicada em grande volume e velocidade para sem dúvida apresentar um escritor de grande maestria.

Vários dos aspectos tratados no presente ensaio estão sendo aprofundados em uma investigação que conduz e é financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). A investigação encontra abrigo institucional no Núcleo de Estudos Ibéricos da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

Referências

- COELHO, João Paulo Borges. *As duas sombras do rio*. Lisboa: Caminho, 2003.
- COELHO, João Paulo Borges. *As visitas do Dr. Valdez*. Lisboa: Caminho, 2004.
- COELHO, João Paulo Borges. *Índicos indícios I – Setentrião*. Lisboa: Caminho, 2005.
- COELHO, João Paulo Borges. *Índicos indícios II – Meridião*. Lisboa: Caminho, 2005.
- COELHO, João Paulo Borges. *Crónica da rua 513.2*. Lisboa: Caminho, 2006.
- GREENE, Graham. *Fim de caso*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- HEITOR, Jorge. A actividade científica é apenas uma das maneiras de dar conta da realidade. Entrevista com João Paulo Borges Coelho. *Público*. Livros – Entrevista. Lisboa, 9 out. 2004, p. 10-11.
- MOREIRA, José. A guerra do Zumbo. Contar em fingida ficção uma guerra particular. In: *Expresso*. Lisboa, 29 nov. 2003, p. 62-63.
- PABLO, Rita. É através de Moçambique que eu vejo o mund”. Entrevista com João Paulo Borges Coelho. *Expresso África*. Lisboa, 13 abr. 2006.

¹¹ GUSMÃO, Manuel. “Linguagem e História segundo José Saramago”. In Vários. *José Saramago. Uma voz contra o silêncio*. Lisboa: Caminho/ICEP/IPLB, 1998.